ESPAÇO EM REVISTA
ISSN: 1519-7816

GEOGRAFIA E A LITERATURA BRASILEIRA: percepção da paisagem nas obras de ‘O Cortiço’ e ‘Sertão sem Fim’

Mychelle Priscila de Melo
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia, UFG/RC. Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais (NEPSA)
E-mail: melomychelle@gmail.com

João Donizete Lima
Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia, UFG/RC. Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais (NEPSA)
E-mail: donizeteufg@gmail.com

Resumo
Este artigo pretende, por meio da análise da categoria geográfica paisagem, identificar nas obras ‘O Cortiço’, de Aluísio Azevedo (1997) e ‘Sertão sem Fim’, de Bariani Ortêncio (2000), a percepção paisagística existente. Considerar a escala tempo-espaço, o ponto de vista do observador e suas condições biológicas e psicológicas, aspectos culturais e interesse pessoal, é indispensável para este estudo. A percepção de uma paisagem aponta para a construção de parâmetros que revelam os arranjos naturais, construídos e interagidos contidos em uma porção do espaço. Neste contexto, é importante atentar para a dinâmica socioespacial que envolve os aspectos físicos visíveis e invisíveis, implícitos e explícitos, de acordo com a subjetividade geográfica do olhar dirigido às paisagens. A metodologia utilizada envolve pesquisa bibliográfica acerca do tema proposto e autores correlacionados.

Palavras-chave: Geografia. Paisagem. Percepção. Literatura. Interdisciplinaridade.

GEOGRAPHY AND THE BRAZILIAN LITERATURE: perception of the landscape in the works of ‘O Cortiço’ and ‘Sertão Sem Fim’

Abstract
This article intends, through the analysis of the landscape geographic category, to identify the existing landscape perception in the works ‘O Cortiço’, by Aluísio Azevedo (1997) and ‘Sertão Sem Fim’, by Bariani Ortêncio (2000). Considering the time-space scale, the observer's point of view and its biological and psychological conditions, cultural aspects and personal interest, is indispensable for this study. The perception of a landscape points to the construction of parameters that reveal the natural, constructed and interacting arrangements contained in a portion of space. In this context, it is important to take into account the socio-spatial dynamics that involves the physical aspects visible and invisible, implicit and explicit, according to the geographic subjectivity of the gaze directed to the landscapes. The methodology used involves a bibliographic research about the proposed theme and correlated authors.

Keywords: Geography. Landscape. Perception. Literature. Interdisciplinarity.

Introdução

Evidenciada sob o ângulo da Geografia, a paisagem, estabelecida como categoria de estudo desta ciência, é imprescindível na compreensão dos mais diversos aspectos da

organização espacial, seja de ordem natural, englobando os aspectos físicos, ou de ordem humanizada, em que um indivíduo ou os grupos humanos imprimem transformações através do trabalho sobre determinada porção do espaço, antes natural.

Dessa forma, este artigo pretende, pela análise de vários autores de cunho geográfico acerca do conceito de paisagem, como Bertrand (1971), Besse (2006), Corrêa e Rozendahl (1998), Del Rio e Oliveira (1999) e Tuan (1980), compreender e perceber sua presença nas obras literárias brasileiras: 'O Cortiço', de Aluísio Azevedo (1997), escrito e publicado pela primeira vez em 1890, e 'Sertão Sem Fim', de Waldomiro Bariani Ortêncio (2000), com a primeira publicação em 1965. O estudo é guiado pela necessidade de observações que vão além do que está explicitamente descrito nos cenários, sendo necessário refletir sobre as considerações dos autores, apontando elementos não-visíveis, porém alusivos das paisagens identificadas.

Além disso, o envolvimento do observador com as leituras oferece informações captadas, organizadas e trabalhadas com significados diferentes, visto que uma parte do conhecimento são os sentidos sensoriais que a recebe, e a outra, indiretamente, é transmitida pelas vivências, aprendida pela experiência ao longo da vida. Porém, pela observação, os elementos da paisagem são indissociáveis, sendo reunidos, comparados e decifrados pela teia de relações que os ensejam ao analisar suas formas.

Assim, tanto no cotidiano urbano de um cortiço do século XIX, localizado no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro (RJ), apresentado na obra 'O Cortiço', quanto em um ambiente sertanejo e goiano, em áreas de Cerrado, exposto em 'Sertão Sem Fim', a discussão acerca da paisagem é fundamental à prática da Geografia, é uma essência espacial, interagindo cultura e natureza, com cada ambiente carregando suas próprias formas diante da representação e expressão cultural das paisagens nas duas obras. Na seção a seguir são apresentadas as abordagens acerca da construção de um olhar geográfico previamente à análise das literaturas, escritas em períodos e espaços distintos.

A Geografia e a categoria paisagem

A Geografia, enquanto ciência humana, analisa o espaço geográfico, buscando como objeto de estudo compreender e descrever a superfície terrestre e tudo que a compõe, seus aspectos físicos, climáticos, biológicos, assim como a interação entre eles (ambiente) e a

sociedade (aspectos humanos). Para fundamentar os seus estudos, essa ciência utiliza de conceitos, ou categorias geográficas, sendo: lugar, espaço, paisagem, região e território.

Para esta análise, a categoria paisagem entra em destaque, do mesmo modo que sua percepção e aspectos relacionados à conexão estabelecida entre a Geografia e a Literatura Brasileira, pormenorizada adiante.

> "Paisagem" é um termo pouco usado e impreciso, e por isto mesmo, cômodo, que cada um utiliza a seu bel prazer, na maior parte das vezes anexando um qualificativo de restrição que altera seu sentido ("paisagem vegetal", etc.). (BERTRAND, 1971, p. 1).

A paisagem contém subjetividade, de forma que é captada por um sujeito através de tudo aquilo que seus sentidos conseguem apreender, não consistindo simplesmente na junção de elementos geográficos de forma solta, sem sentido, mas sim,

> [...] numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução. (BERTRAND, 1971, p. 2).

Por ser incessante no espaço e no tempo, a paisagem é resultado de um processo de acumulação, do visível e do invisível. De forma geral, pode ser entendida como a composição de elementos da natureza no espaço, dentre eles a fauna e a flora, os rios, o clima, relevo, o homem e as edificações que o sujeito constrói com sua ação (trabalho) no espaço geográfico.

A paisagem é sempre fragmentária, dividida em recortes, e, por isso, só é percebida parcialmente, e não em sua totalidade, pois a escala, até onde os olhos percebem ou os sentidos em geral alcançam, é o limite da percepção. Santos (2002a, p. 107) descreve: "A paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais."

Mesmo sendo história congelada, a paisagem não é fixa, imóvel, pois sempre que há mudanças na sociedade, também mudam as relações políticas, econômicas, sociais, em velocidade e expressividade de forma variada, e isso é dinamismo/movimento na paisagem. É o agrupamento de formas, de um dado momento, consistindo em uma aparição única e particular, de uma realidade não-concreta, cuja essência varia conforme os fatores perceptivos do observador.

A significação individual da paisagem depende de múltiplos fatores:

- Ponto de vista do observador e escala: o ângulo proporciona maior ou menor detalhamento de informações. É o alinhamento visual, ordenado pela posição do observador e extensão de seu campo visível, em relação à uma porção do espaço em sua totalidade, e que somente se altera através de um deslocamento do campo visual perceptivo. (JUNIOR; AMARAL; MESSIAS, 2017, p. 85);
- Condições biológicas e psicológicas do observador, assim como os aspectos culturais, incluindo a experiência, a influência familiar (formação de berço), grau de ensino (vivência escolar), vida religiosa, política, e, também, os interesses pessoais.

Como já foi elucidado anteriormente, a paisagem e o observador são dinâmicos, e por este motivo, cada indivíduo tem a sua concepção a respeito da paisagem, além do fato de que cada indivíduo parte de uma sociedade com uma determinada cultura, portanto, isso influencia diretamente no ideal de paisagem. Tuan (1980) trata em seus estudos sobre percepção, atitudes, valores e visões de mundo, de que muito do que percebemos tem valor e significado para nós, assim como para a sobrevivência biológica e, ainda, para satisfazer questões enraizadas na cultura.

O nosso ser biológico, antes de mais nada, tem suas necessidades vitais, como o ato de comer, dormir, reproduzir, beber, o que acarreta em um respeito mútuo com o espaço natural, pois dele é que são gerados os meios que permitem a sobrevivência. Já o nosso ser social, tem suas necessidades impostas pela sociedade em que estamos inseridos, aderindo a parâmetros definidos, lembrando que antes de nos moldarmos a este ser social, somos seres biológicos, em que o predomínio é do instinto de sobrevivência.

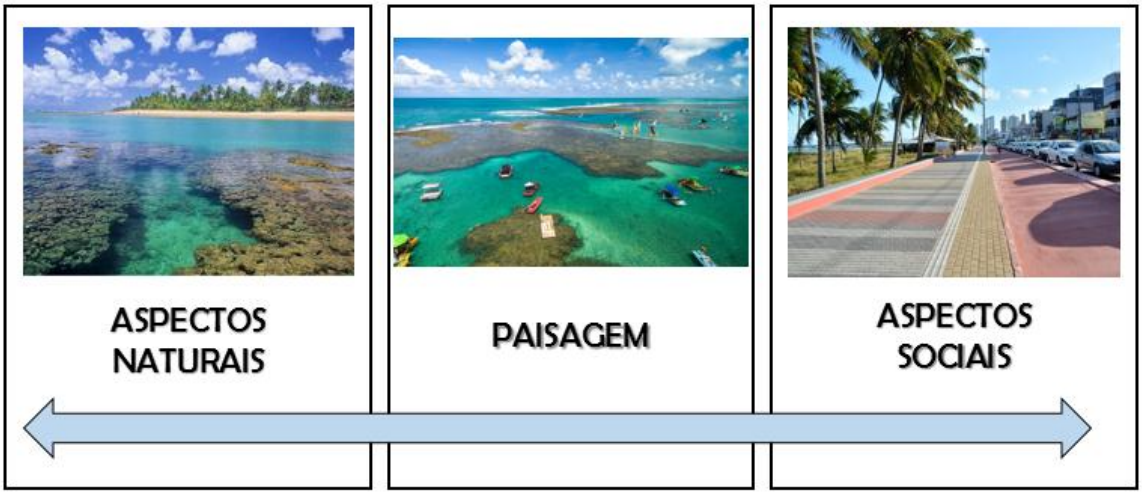
Entretanto, ainda segundo Tuan (1980), apesar de toda a diversidade que condiciona as nossas percepções em relação ao ambiente, sendo membros de uma mesma espécie, é grande a chance de estarmos limitados a ver as coisas de uma certa maneira, pois os seres humanos compartilham de percepções comuns à sua espécie, por possuírem órgãos similares e viverem em um mundo comum.

Embora todos os seres humanos tenham órgãos dos sentidos similares, o modo como suas capacidades são usadas e desenvolvidas, divergem-se precocemente. Tuan (1980) define percepção como "tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados". (TUAN, 1980, p. 4)

Desta forma, fica clara a interação da Geografia com os fatores naturais e sociais, inserindo a compreensão da categoria paisagem como elo integrador desses fatores, aliada à

associação das definições deste mesmo conceito acima mencionadas. Vejamos um exemplo desta interação na figura abaixo.

Figura 1 – O elo entre Geografia e a categoria paisagem



Fonte: Melo, M. P. (2017).

A Figura 1 revela, no primeiro quadrante, os aspectos naturais de uma paisagem, referentes à concepção de uma natureza intocada, atualmente quase inexistente, enquanto no segundo quadrante a ideia de paisagem está associada ao meio natural com a presença do homem, percebida pelas embarcações na superfície da água. Por fim, a Figura apresenta os aspectos sociais, que consistem na junção do meio natural com a intervenção humana, englobando todas as construções e relações construídas neste ambiente totalmente alterado.

Esta ideia, de perceber a superfície terrestre e todos os seus componentes (objeto de estudo da Geografia), nos reporta à concepção de Percepção Ecodinâmica (estudo da dinâmica do meio ambiente dos ecossistemas) de Tricart (1977), em que o autor, através de inúmeros exemplos, consegue expor o dinamismo do ambiente e suas repercussões sobre as comunidades que habitam este meio. É um sistema que evidencia as "[...] relações mútuas entre os diversos componentes da dinâmica e os fluxos de energia/matéria no meio ambiente. " (TRICART, 1977, p. 32).

Nesta concepção, a ação do homem é empregada sobre uma natureza oscilante, que se desenvolve segundo leis próprias bastante complexas. Além disso, Tricart (1977) afirma que não podemos ficar limitados à descrição fisiográfica (relacionada à vegetação, recursos hídricos e relevo), pois estudar a organização do espaço implica em determinar como uma ação se insere na dinâmica natural, para corrigir questões que não são favoráveis e facilitar a exploração dos recursos ecológicos oferecidos pelo meio.

Com o avanço da técnica, os objetos criados substituem os objetos naturais, mesmo que o progresso técnico não elimine a ação da natureza, pois a humanidade tem o poder de modificar a ação das forças naturais, mas a natureza ainda obriga adaptações e impõe resultados. Analisar a categoria paisagem, e sua percepção, implica em considerar os aspectos da sociedade e da natureza, pois ambos estão intrinsecamente interligados, relacionando sempre a ideia de movimento e de noção do tempo. A formação do sujeito, e seu conhecimento contribuem para a busca de um olhar geográfico, porém é algo que deve ser treinado para que se torne possível a análise da paisagem, do ponto de vista da Geografia.

> A paisagem é um signo, ou um conjunto de signos, que se trata então de aprender a decifrar, a decriptar, num esforço de interpretação que é um esforço de conhecimento, e que vai, portanto, além da fruição e da emoção. A ideia é então que há de se ler a paisagem (BESSE, 2006, p. 64).

A paisagem, por desprender percepções e leituras que vão além da imagem estudada, colocada numa escala organizada do espaço através das visões postas pelo objeto estudado, tem juntamente à Geografia um olhar mais crítico, em que os geógrafos tentam ultrapassar o limite da abordagem paisagística da exterioridade, captando o implícito da paisagem. A interdisciplinaridade é um meio de ensino-aprendizagem que favorece a abordagem deste assunto, estabelecendo conexões, neste caso, entre as áreas da Geografia e da Literatura Brasileira, aprimorando o conhecimento da categoria geográfica paisagem através da contextualização com a aplicação pretendida.

Com tudo isso, observar, assimilar, perceber e descrever as paisagens, expostas nas obras literárias 'O Cortiço' (AZEVEDO, 1997), valendo-se da primeira publicação, de 1890, e 'Sertão Sem Fim' (ORTÊNCIO, 2000), com primeira publicação em 1965, é o objetivo deste trabalho, na expressão da geograficidade inerente à subjetividade, associando às distintas realidades paisagísticas embutidas nestas obras, os elementos abióticos, bióticos e antrópicos em suas respectivas escalas tempo-espaciais, como veremos a seguir.

Análise perceptiva da categoria paisagem em 'O Cortiço', de Aluísio Azevedo (1997)

Compreender a conjuntura em que se passa a obra 'O Cortiço' (AZEVEDO, 1997), em um espaço urbano do Brasil no século XIX, mais especificamente no Rio de Janeiro (RJ), aliada às características geográficas mais específicas, relacionadas aos espaços ocupados pelos personagens da obra, detalhados adiante, é um processo de percepção que se torna um

desafio e uma contribuição para a aprendizagem. Aluísio Azevedo, ao escrever esta obra, publicada pela primeira vez em 1890, estava em sintonia com uma doutrina naturalista, de grande prestígio na Europa, baseada na observação fiel da realidade e na experiência, em que um indivíduo é determinado pelo meio em que vive e pela hereditariedade.

‘O Cortiço’ é um exemplar que auxilia no entendimento do Brasil do século XIX, em que as ideologias e relações sociais representadas de modo fictício na Obra, estavam muito presentes no País. O método naturalista, assim como Aluísio Azevedo, na intenção de criticar uma realidade corrompida, tentam combater a deterioração causada pela mistura de raças, e esta Obra, além de vários romances naturalistas da época, é constituída de um espaço onde convivem desfavorecidos de várias etnias.

A análise aqui realizada não se atentará à evolução e formação da cidade do Rio de Janeiro (RJ), visto que a percepção paisagística pretende permear aspectos e visões centrados no conhecimento abarcado pelos parâmetros geográficos. Com 23 (vinte e três) capítulos, ‘O Cortiço’ se passa no Bairro de Botafogo (RJ), em um complexo de moradia brasileiro, próprio do período que compreende os séculos XIX e início do século XX: o cortiço. A percepção que se tem já de início é de um lugar simples e precário, que revela uma pobreza intensa, reforçada por trechos como “[...] casinha de duas portas, dividida ao meio [...]” “[...] cômoda de jacarandá muito velha com maçanetas de metal amarelo já mareadas [...]” (1997, p. 14), “[...] fogareiro de barro [...]” (AZEVEDO, 1997, p. 15).

Em uma situação de capitalismo embrionário, o explorador vivia muito próximo ao explorado, e isso é perceptível na Obra pela estalagem de João Romão junto aos pobres moradores do cortiço, que após tornar-se amante de Bertoleza, uma escrava negra, faz dela sua companheira e ajudante em seu projeto de enriquecer a qualquer custo. Ao construir em um terreno ao lado de sua taverna um agrupamento de casas populares, com a intenção de aluga-las, apropria-se de uma pedreira e “[...] aquelas três casinhas, tão engenhosamente construídas, foram ponto de partida do grande cortiço de São Romão.” (AZEVEDO, 1997, p. 15).

Este trecho contribui para que, de maneira mais abrangente, a análise da categoria geográfica paisagem, considere o próprio cortiço, com todos os personagens, fofocas, traições e intrigas, como o protagonista do romance. Dentro desse painel em constante movimento, destacam-se relações que ocorrem em um espaço físico delimitado, estratificado em classes sociais, demonstrando que o ambiente realmente determina os comportamentos humanos. Verifica-se assim, princípios do determinismo geográfico, marcados pela predominância de

embates raciais, do ócio, da sensualidade, prostituição, adultério, inveja, imoralidade, injustiças, tristeza, incêndio, revolta, em que os destinos dos personagens estão vinculados a um ambiente contraditório, tumultuado e desigual.

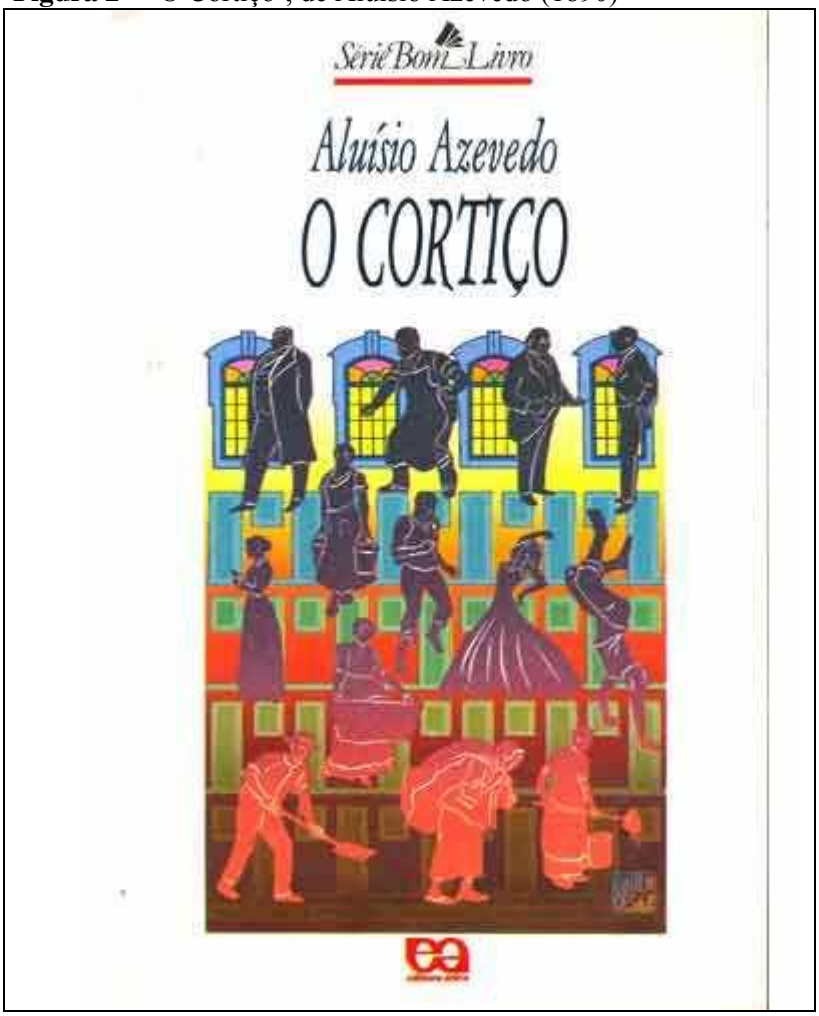
O cotidiano no Bairro de Botafogo, (RJ), mais especificamente no cortiço, é percebido por uma série de paradoxos, "[...] onde o rico e o pobre, o explorador e o explorado, o mulato e o branco, o português e o brasileiro, o senhor e o escravo, o religioso e o pervertido, convivem cotidianamente, em suas labutas, preocupações e comportamentos rotineiros [...]" (MOREIRA, 2015, p. 101).

> [...] Paisagem é um conceito de interesse da Geografia desde o seu surgimento enquanto ciência. Aplicada para representar uma unidade do espaço, um lugar, a paisagem – portadora de formas, cores, cheiros, barulhos e movimentos – imprime suas marcas na cultura ao passo que recebe suas marcas, numa relação dinâmica recíproca. (TORRES; KOZEL, 2010, p. 123).

'O Cortiço' é composto por um barulho intenso vindo da pedreira ao lado do complexo, por comércios de produtos típicos da época, pela classe popular representada por vendedores ambulantes, lavadeiras, viúvas falidas, mulheres subordinadas, operários, mulatas festeiras, malandros, e escravos, também por exploradores portugueses imigrantes, o que reflete uma mistura que descreve detalhadamente ambientes e personagens, inundada de cheiros, sons, formas, texturas e cores. Além desses fatores, percebe-se ser um ambiente quente, em que o calor é assumido em expressões como: "E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa [...]" (AZEVEDO, 1997, p. 22), quando o autor trata da prosperidade contínua daquele lugar.

A paisagem do cortiço e de seus arredores modifica-se ao longo do dia e da noite, e isso é descrito também por meio da mudança dos sons e dos cheiros do ambiente. Assim como descreve Tuan (1980), sentir o cheiro permite emoções mais intensas do que a visão, pois complementa as informações do que se vê, possibilitando que se identifique um lugar. É bastante subjetiva essa percepção, dependendo da relação que o sujeito tem com o odor, que pode ser bom ou ruim. Essas sensações, próprias do espaço urbano, assumem formas específicas em diferentes lugares, pois para cada localidade, cada grupo, cada cultura, essa paisagem é outra, é uma relação do homem com o seu espaço social.

Figura 2 – 'O Cortiço', de Aluísio Azevedo (1890)



Fonte: MELO, M. P. (2018).

Através da Figura 1 e de tudo que foi demonstrado nessa seção, o espaço e paisagem interpretada conjuga-se em elemento de criação do homem juntamente com outros homens, e com o passar do tempo, resulta na formação sociocultural de determinado povo em um contexto histórico próprio. Os sujeitos começam a estabelecer suas relações de produção, através do trabalho, e isso os identificam, agrupadamente, como pertencentes a um determinado contexto social.

É possível perceber que o cortiço se constitui em um lugar singular e bem específico, de um espaço transformado, com significados para os que o habitam; e para quem o interpreta, a imaginação, em função do invisível e do visível, aliada aos sentidos, ao conhecimento adquirido, à experiência e as vivências, atinge uma percepção paisagística

repleta de elementos que denunciam sensações e representações culturais diversas de um povo simples do subúrbio carioca do século XIX.

Análise perceptiva da categoria paisagem em 'Sertão Sem Fim', de Waldomiro Bariani Ortêncio (2000)

Ao contrário de 'O Cortiço' (AZEVEDO, 1997), a obra 'Sertão Sem Fim', de Ortêncio (2000) possui um forte estilo regionalista, aprofundado nos 12 (doze) contos presentes. Nele, com todas as suas gamas de amores e dores, contradições e desacertos, a vida era levada, e Goiânia era uma jovem cidade, com pouco mais de trinta anos do lançamento de sua Pedra Fundamental. O ambiente sertanejo, caipira, é facilmente identificado pelos termos utilizados pelo autor para contar suas estórias.: "[...] trem pegou fogo [...]" "[...] amuou [...]" "[...] pra diante [...]" (p. 15), "[...] Bamo s'embora [...]" "[...] terra vermelha do cerrado [...]" "[...] fia, depois a gente volta pra modo enterrar êle [„„]" (p. 20), entre inúmeros outros.

É uma obra que, apesar de detalhar aspectos da década de 1960, do coronelismo, ainda hoje nos parece familiar, diferentemente dos cortiços, que é uma realidade distante para quem teve a vida enraizada no estado de Goiás, por exemplo. Retrata a gente de pé no chão, os cantares do povo, as danças, os pagodes, as missas, as vilinhas perdidas no sertão, o cigarrinho de palha, a pinga com os amigos e um arroz cozinhando no fogão de lenha.

A riqueza das minúcias de um modo geral é nostálgica, pois, como goiana que sou, me fez relembrar muito do meu convívio na fazenda dos meus avós, das vivências que tive nesse tipo de ambiente, árido, rústico, enraizado nas modas de viola, dos pagodes caipiras, da labuta na roça, da honra familiar, dos causos e das prosas, ao catolicismo arraigado, as rezas, as benzedeiras, do pomar recheado de frutas, da aprendizagem informal, da força e da coragem, e também da estrutura das moradias.

Esse tipo de literatura, por aproximar mais o leitor da realidade, nos possibilita também compreender a origem de alguns tipos sociais presentes em nossa região e pode ser usado até como instrumento didático-pedagógico de diversas formas. A cultura sertaneja é cheia de especificidades e particularidades, dona de uma identidade que perpassa os limites do tempo, mantendo-se única ao longo da história.

Aqui, a relação homem-natureza é nitidamente mais harmoniosa do que nos cortiços analisados na seção anterior, visto que a utilização dos recursos naturais é menos intensa,

como suprimento das necessidades da população, mediante técnicas e meios de trabalho menos agressivos que no referido espaço urbano, que buscava sua ascensão a qualquer custo.

O ritmo em 'Sertão Sem Fim' (ORTÊNCIO, 2000) é desacelerado em comparação aos cortiços, e como afirma Santos (2002): "Por seus próprios ritmos e formas, a produção impõe formas e ritmos à vida dos homens, ritmos diários, estacionais, anuais, pelo simples fato de ser a produção indispensável à sobrevivência do grupo." (SANTOS, 2002a, p. 202).

Marcado pela ausência de civilização e natureza selvagem, regado a pequenas pastagens e rebanho, esse espaço caracterizado pelo Cerrado, ainda inteiro na Obra, hoje está ameaçado, transformado por todas as formas capitalistas e devastadoras de produção existentes, revelando os sinais de esgotamento ao qual se encontra.

O Cerrado, também chamado de sertão, como elucidado na obra, é um bioma que dispõe de abundância em água e abriga uma vasta variedade de espécies, tem enorme riqueza biológica mundial, detendo um clima mais regular, com duas estações bem definidas (chuvosa-de outubro a abril, e seca- de maio a setembro), solos diversos, com diversas formações geológicas, texturas, cores, permeabilidade e resistência à erosão.

Seu aspecto mais comum é composto de arbustos e árvores com troncos tortuosos e retorcidos. Goiás, inclusive o Distrito Federal (DF), detém uma porção de área deste bioma que está disperso também em outros estados: Minas Gerais (MG), Mato Grosso (MT), Mato Grosso do Sul (MS) e Tocantins (TO). "Na panela de barro, refogava um arrozinho com pequi bem carnudo, apanhado ali mesmo, em frente, no cerrado. A panela chiou alto e pela casa tôda rescendeu aquele cheiro gostoso de pequi." (ORTÊNCIO, 2000, p. 15).

Assim como esse fruto típico do Cerrado, a obra também fala, por exemplo, do buriti, uma palmeira que oferece um fruto, que além de comestível, tem seu óleo extraído pela indústria farmacêutica, sua semente e folhas usadas em artesanato. "A mulherama da vida tinha feito separação e demorava nas suas barraca de fôlha de buriti." (ORTÊNCIO, 2000, p. 239).

'Sertão Sem Fim" destaca a passagem do cotidiano roceiro, em que o personagem Joaquim, homem do campo, acende o seu cigarro, pachorrentamente, no espantar das muriçocas, como faziam os homens antigos do sertão. Descreve o campo e o Cerrado, as caraíbas e sucupiras, com estas passagens: "[...] Neste mês de agosto o mato fica uma beleza. As caraíbas pintam o cerrado com seus cachos de flores amarelas. A maior parte, nem folhas têm, é aquela rodeira de ouro. Por todos os lados as sucupiras pretas estão roxinhas que só paramento de semana santa." (ORTÊNCIO, 2000, p. 152).

Limpar a enxada para o trabalho, com pedras de amolar, a tranquilidade e modo de vida pacata, a beleza da vegetação, como o ipê, as hortas, os animais do Cerrado, as casinhas de beira de estrada, são, também, marcas desta Obra, além do poder das plantas e raízes para fins medicinais, enfatizados pelo personagem Izidoro.

> [...] A bronquite, a asma do velho preto Benedito, Izidoro buscava, no terreno salobro, os brotos de embaúba, e sobre os barreiros de argila, trazia os brotos de assa-peixe branco que, com a embaúba, manipulava xarope com rapadura: era um porrete, que o velho Dito se deu bem melhor com eles. Izidoro preparava também, xarope de casca de angico, casca de fruta de jatobazeiro. Com a casca do angico e do barbatimão, grandes adstringentes; curava feridas. Para o fígado e os rins, chá de folhas de cagaiteira, congonha do campo ou cá de bugre e douradinha, esta, o mate do nosso sertão. (ORTÊNCIO, 2000, p. 29).

Por esses motivos, é possível concluir que a paisagem encontrada nesta literatura demonstra um Cerrado que, hoje tão destruído, estava inteiro em sua obra, e mais que um lugar geográfico, refere-se a uma forma de organização social especifica, com um modo de vida característico, identificado pela cultura na lida com o gado, nos garimpos em um Goiás enquanto capitania (século XVIII).

A honra familiar, o assédio a mulheres casadas, as habilidades comerciais, típicos catiras, o catolicismo e o preconceito religioso, o afeto pelos animais, as benzeções, superstições, a figura do coronel como detentor do poder, os conflitos, entre outros fatores, merecem destaque nos contos de ‘Sertão Sem Fim’, muito importante para a literatura regional.

Considerações finais

Diante do exposto, observa-se que o processo de incorporação da interdisciplinaridade entre Literatura e Geografia, no contexto que envolve a análise da categoria paisagem, é de suma importância para o fortalecimento da prática e da reflexão pedagógica, além de representar uma infinidade de aspectos educativos. Conhecer diferentes realidades, promove uma integração natural entre o real e o imaginário, envolvendo os diferentes agentes do processo educativo, que se fazem necessários em qualquer discussão séria sobre a educação e sobre a sua relação com a sociedade.

Além disso, o presente artigo abordou elementos na área da Geografia, inerentes à percepção paisagística, discutindo os conceitos, adentrando às realidades concernentes à

paisagem nas obras literárias, considerando os recortes socioespaciais e temporais atrelados ao conhecimento e subjetividade, contribuindo para a compreensão da categoria paisagem.

As significações percebidas diante da relação assegurada pela identidade de cada indivíduo com determinada paisagem, proporcionam representações diversificadas, singulares, interpretando-as conforme sua visão. Por isso, a paisagem é a soma e produto das experiências do sujeito com a realidade, como forma de expressão da existência unida às sensações e vivências do ser humano no mundo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. **O Cortiço**. Klick Editora, 1997, 192 p. (Coleção Livros O Globo).

BERTRAND, G, **Paisagem e geografia física global**: esboço metodológico. São Paulo: USP/Instituto de Geografia, 1971. (Caderno de Ciências da Terra, 13).

BESSE, J. M. A Fisionomia da Paisagem, de Alexandre Von Humbold a Paul Vidal de La Blache. In: **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 61-74.

CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. 123 p. p.7-11.

_____. (Orgs.) **Paisagens, texto e identidade**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004. (Geografia Cultural).

DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. de. (Org.) **Percepção ambiental**: a experiência brasileira. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MACIEL, C. A. A. **Morfologia da paisagem e imaginário geográfico**: uma encruzilhada onto-gnoseológica. Geographia, Universidade Federal de Pernambuco., v. 3, n. 3, p. 53- 70, 2001.

MOREIRA, J. de F. R. **Leitura da paisagem sonora e odorífera em O Cortiço de Aluísio Azevedo**: perspectiva interdisciplinar e literária à luz da geografia cultural. Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. n. 33, 12/2015. p. 101-118. (Caderno de Literatura Comparada).

ORTÊNCIO, W. B. **Sertão Sem Fim**. 3. ed. Goiânia: Editora UFG, 2000. 293 p.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002. 384p.

_____. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: USP, 2002.

TRICART, J. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro, IBGE, Diretoria Técnica, SUPREN, 1977. 91 p. il. (Recursos Naturais e Meio Ambiente, 1).

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atividades e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

TORRES, M. A.; KOZEL, S. **Paisagens sonoras**: possíveis caminhos aos estudos culturais em geografia. Curitiba: Editora UFPR. n. 20. p. 123-132. 2010.

_____

Recebido em: 06/06/2018
Aceito para publicação em: 20/07/2018